

## O capitalismo como algoz da vulnerabilidade no trabalho

Daniele Mejia Cavalcante<sup>1</sup>  
Marcos Dias<sup>2</sup>

### RESUMO

A articulação teórica dos temas que envolvem a temática do trabalho tem crescido muito nos últimos anos, sobretudo devido as transformações sociais ocorridas a partir do capitalismo que trazem diversas consequências para a saúde do trabalhador. Neste cenário, este trabalho traz um estudo de caso realizado através do projeto de extensão do ILES ULBRA de Porto Velho intitulado Clínica do Trabalho, de um paciente adoecido para atender às exigências da contemporaneidade. Destacamos a natureza do estudo de caso, seu delineamento como metodologia de investigação e sua aplicação na pesquisa. O referencial teórico utiliza a ótica da psicodinâmica do trabalho e autores contemporâneos do capitalismo.

**Palavras-chave:** Trabalho, Capitalismo; adoecimento.

### ABSTRACT

The theoretical articulation of the issues involving the theme of the work has grown tremendously in recent years, mainly due to social changes from capitalism to bring different consequences for workers' health. In this scenario, this paper presents a case study conducted by ULBRA ILES extension project Porto Velho entitled Clinical Work, a sick patient to meet the requirements of contemporaneity. We highlight the nature of the case study, its design and research methodology and its application in research. The theoretical framework uses the perspective of psychodynamics of work and contemporaneous capitalism authors.

**Keywords:** Work, Capitalism; illness.

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia, Docente ILES-ULBRA Porto Velho, orientadora do estudo. E-mail: alunosdaniele@yahoo.com

<sup>2</sup> Acadêmico de psicologia do ILES-ULBRA Porto Velho. E-mail: marcosdias3838@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O exercício do trabalho marca acentuadamente a existência humana, pois o mesmo está presente, em todo o percurso de sua vida, refletindo em todos os seus momentos. O homem insere-se no mercado de trabalho por volta dos 18 anos e nele vai construindo seu espaço pessoal, profissional e social. Essa construção envolve várias ações conjuntas de empresa, família e amigos.

No entanto, ao se inserir no mercado de trabalho o indivíduo encontra uma realidade diferente daquela a qual ele havia se preparado, o cenário apresentado a este envolve a falta de emprego, precarização do trabalho, intensificação do trabalho e individualismo estimulado pelo capitalismo.

Com as grandes transformações ocorridas na economia na esfera mundial, há uma crescente transformação no plano social e ocupacional dos indivíduos bem como, na dinâmica dos processos mentais<sup>3</sup>, no qual o indivíduo é envolvido pelos conflitos que surgem entre o sujeito e a realidade pré-existente que, em grande parte, ele não pode alterar, tornando-os vulneráveis a esta realidade.

O presente trabalho é fruto do Projeto de Extensão intitulado Clínica do Trabalho do ILES ULBRA de Porto Velho, que dentre seus objetivos pretende contribuir para a criação de uma rede de atenção à saúde, através de um espaço terapêutico que permita a expressão do trabalhador, minimizando o seu sofrimento, diminuindo a culpabilização além de constituir um local onde se permite conhecer a si mesmo, apreendendo a lidar melhor com o processo de adoecimento.

O projeto contempla ações como atendimento psicoterápico a pacientes acometidos de diversas afecções em função do trabalho, grupo de estudo sobre a temática e intervenções em saúde do trabalhador.

Uma reflexão teórica sobre esta temática se torna primordial e embora este presente artigo não se constitua na análise aprofundada, pretende trazer a análise

---

<sup>3</sup> Cada um tem um funcionamento psíquico próprio, fruto de sua história de vida singular.

de um estudo de caso atendido pelo projeto a partir da ótica da psicodinâmica do trabalho e de autores contemporâneos do capitalismo trazendo as principais contribuições das teorias de Ricardo Antunes (2004) e David Cattani(2002), demonstrando a relação do trabalho com o capitalismo como principal algoz da vulnerabilidade humana.

### **Capitalismo algoz da vulnerabilidade humana**

A história da civilização tem sua base no desenvolvimento do trabalho, não só as novas formas de trabalho que surgiram ao longo dos anos, mas por ele próprio ser o modificador, ser um dos propulsores para a evolução. De acordo com cada época a manipulação das ferramentas e o relacionamento do homem com os modos de prover o seu próprio sustento delineou sua existência, sendo o próprio fundamento da vida humana. (ALBORNOZ, 2004)

O trabalho inicialmente era somente para a subsistência e com o passar dos anos foi a forma que o homem encontrou para se incluir na sociedade podendo assim, suprir as necessidades. Com a evolução hoje o trabalho é um esforço planejado e coletivo, no contexto do mundo industrial na era da tecnologia.

Ou seja, através do trabalho, os homens transformam a natureza nos meios de produção e de subsistência necessários à sua reprodução, a partir desse processo, os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas físicas, metafísicas ou sociais, assumindo forma objetiva (MARX, 1982).

Diante deste fato, o trabalho tem sido foco de muitas discussões e pesquisas, com temáticas variadas apontando a importância deste na vida dos sujeitos. O trabalho ocupa um lugar central na vida de quem o realiza, seja pelo fato de ser um meio de sobrevivência, seja pelo tempo da vida dedicado a ele, pelo fato de ser um meio de realização profissional e pessoal, sendo um dos principais meios pelo qual o indivíduo dialoga com seu meio social. (DRUMOND, 2002)

Geralmente na vida dos indivíduos, o trabalho passa a representar o ponto de referência para a realização das demais atividades, pois é a partir deste que os relacionamentos se delineiam, que nos reconhecemos enquanto um ser social, que estruturamos a rotina diária, é por meio dele que a organização pessoal se baseia, seja nas rotinas domésticas, nas atividades de lazer, nas relações familiares e nas amizades. Como no processo de construção pessoal, o trabalho, é a fonte de vida, de motivação e de formação dos indivíduos, promovendo a interface com a identidade, a autoestima e a sensação de bem estar.

Em função desta centralidade e importância é que podemos inferir sobre suas consequências bem como apontar que o processo de desenvolvimento humano acaba sendo moldado por este. O trabalho então, passa a ser o eixo principal da constituição subjetiva, é um elemento importante na constituição da identidade e complementação da personalidade do indivíduo.

Vale ressaltar que os fenômenos relacionados com o trabalho passaram por diversas transformações no decorrer dos séculos. No final do século XVIII com a instauração da primeira revolução industrial houve a consolidação do capitalismo, surgiu o fordismo com suas estratégias de produtividade, o humano sendo visto como uma máquina, um processo repetitivo parcelado e monótono (CATTANI, 2002).

Posteriormente veio o taylorismo com o excessivo controle e exigência da disciplina, com sistemáticos estudos sobre o tempo e os movimentos humanos ao mesmo tempo que visava a exploração de mão de obra e o enriquecimento de uma minoria da população. Em seguida foi implantado o modelo japonês toyotista onde a sistemática passa a ser a organização da produção, surgem novos modelos de relação capital-trabalho, o trabalho é dividido, elimina-se os estoques e surge a terceirização (CATTANI, 2002)).

Foi por volta da metade do século XIX que surge o começo de uma nova realidade das relações de trabalho, quando ocorreu a segunda revolução industrial. A segunda revolução foi realizada e especialmente visando modificações na forma

de conceber as relações de trabalho. Além da profunda evolução no modelo de produção ocorreram transformações nos transportes, na energia, da medicina, entre outras.

Configuraram assim um novo padrão global de controle do trabalho, estabelecia-se uma nova, original e singular estrutura de relações de produção na experiência histórica do mundo: o capitalismo mundial no qual o capital, na relação social de controle do trabalho assalariado, passa a ser o eixo em torno do qual se articulam todas as demais formas de controle. (QUIJANO, 2005)

O capital, na relação social de controle do trabalho assalariado, era o eixo em torno do qual se articulavam todas as demais formas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos. Isso o tornava dominante sobre todas elas e dava caráter capitalista ao conjunto de tal estrutura de controle do trabalho.

A sociedade contemporânea com tantas modificações em sua forma de execução vem presenciando profundas transformações tais como o neoliberalismo e os processos de reestruturação produtiva que tem acarretado profundas modificações no interior do mundo do trabalho acarretando um quadro crítico sob a lógica subjetiva (ANTUNES, 1999).

No mundo globalizado e com estes processos de reestruturação produtiva ocorrendo no interior das organizações mudaram-se as exigências organizacionais onde o tipo de desgaste à que as pessoas estão submetidas atualmente no mundo do trabalho bem como as relações que surgem em função das formas de gestão são fatores que favorecem a vulnerabilidade.

Obviamente, o trabalho que edifica, que ajuda a construir uma auto imagem, não é o trabalho alienador<sup>4</sup>. O trabalho que avilta a dignidade e que degrada a personalidade, de fato não contribui para a realização e a construção da identidade do trabalhador (DRUMOND, 2002).

---

<sup>4</sup> Termo criado pelo marxismo que significa a perda da autonomia, do conhecimento, do domínio sobre o que fazia e do poder de decisão que o trabalhador possuía antes da revolução industrial.

Nessa realidade passa-se a privilegiar a mão de obra, ou seja, o centro do desenvolvimento industrial é baseado no indivíduo e nas suas capacidades. O trabalho passa a ser percebido como uma fonte de construção da subjetividade, e como tal ele torna-se objeto de estudo e de pesquisa na sociedade contemporânea.

Neste ínterim o dinheiro se torna importantíssimo, surgem novas perspectivas em favor do capital, com a globalização e o uso das técnicas disponíveis surge a instalação de um dinheiro fluido, relativamente invisível. Diante disto pode-se afirmar que a humanidade está entrando em um novo período de transição da história, o momento em que vive com a globalização parece indicar a emergência de novos valores, novas atitudes, que a faz crer que está produzindo as condições para a realização de uma nova história (SANTOS, 2001).

As pessoas passam a valorizar o “ter” e esquecem de construir o seu “ser” e, para suprir esse vazio, trabalham cada dia mais no intuito de atender as exigências desta nova forma de mercado. O “ter” passa a ter primazia, avalia-se os outros pelas suas propriedades e não pelo seu caráter ou sua história de vida, o que acaba por reduzir pessoas a produtos descartáveis.

Marx (1992), de maneira brilhante, já havia nos advertido que o caráter fetichista da mercadoria provém do caráter social peculiar. O autor observou que a cisão do produto de trabalho em coisa útil e coisa de valor realiza-se apenas na teoria, tão logo a troca tenha adquirido importância suficiente para que se produzam outras coisas a serem trocadas, descarta-se o caráter de valor das coisas. Esta cisão se dá com o processo de desenvolvimento das relações capitalistas de produção.

Ocorre a acumulação ou a conversão da mais-valia em capital. Ele nos diz que as mercadorias que o capitalista compra para seu consumo com uma parte de mais-valia não lhe servem de meio de produção, e também não é trabalho produtivo o que ele compra para satisfazer suas necessidades (MARX, 1982).

Como preceitua Seligmann-Silva (2011) para servir aos propósitos e necessidades do capitalismo é necessário seguir um estereótipo, perder o direito de ser a si mesmo.

O fetichismo da mercadoria é o principal responsável pelo incomensurável crescimento do capitalismo, o ser humano se tornou vulnerável a este, assumiu um estereótipo a ponto de não mais saber como atuar em sua vida, fazendo o que estiver determinado pelo mercado.

Sobretudo no campo do trabalho, que é terreno propício para ilustrar os desafios da vulnerabilidade com privilégios de classe, escolarização, raça/etnia, orientação sexual, identidade, de gênero, nacionalidade, filiação religiosa, entre outros.

É certo que as condições de trabalho melhoraram consideravelmente nos últimos anos, no entanto marcados por fortes processos de reestruturação produtiva surgem diversas consequências para o mundo do trabalho. Surgem modificações na forma de conceber as relações de trabalho, novas formas de gestão, intensificação do trabalho intelectual, individualismo, cobranças por produtividade, competição e outras transformações organizacionais.

Para acompanhar estas transformações o ambiente do trabalho tem se modificado e acompanhado inúmeros avanços das tecnologias, talvez com mais velocidade do que a capacidade de sublimação<sup>5</sup> e adaptação dos trabalhadores. Os profissionais vivem hoje sob contínua tensão, não só no ambiente de trabalho, como também na vida em geral.

O mundo globalizado impõe exigências de rapidez, fluidez nas informações, dinamismo, onde não há longo prazo, e uma vida neste ritmo acaba sendo uma vida vulnerável. “imaginar uma vida de impulsos momentâneos, de ação a curto prazo,

---

<sup>5</sup> Processo postulado por Freud para explicar que a pulsão encontra uma via de descarga através das atividades humanas, atividade artística e a investigação intelectual.

despida de rotinas sustentáveis, uma vida sem hábitos, é imaginar na verdade uma existência irracional” (SENNETT, 2009, p.50)

No mundo capitalista, com o avanço das tecnologias, mudaram-se as exigências organizacionais onde o tipo de desgaste à que as pessoas estão submetidas atualmente no mundo do trabalho bem como as relações que surgem em função das formas de gestão são fatores que deixam as pessoas vulneráveis ao adoecimento, a falta de identidade e a irracionalidade.

Interessa a força de trabalho qualificada, a sub-remuneração, precarização da força de trabalho, exploração intensificada, avanço tecnológico combinado com intensificação do ritmo e da jornada de trabalho (ANTUNES, 1999).

O controle do trabalho no novo padrão de poder mundial constituiu-se, assim, articulando todas as formas históricas de controle do trabalho em torno da relação capital-trabalho assalariado, e desse modo sob o domínio desta.

Com tudo isso, os sentimentos, o companheirismo, a confiança se veem a deriva. As redes atuais se caracterizam por laços fracos, o capitalismo a curto prazo que acaba por corroer o caráter, as incertezas das circunstâncias excluem as regras éticas, no qual é preciso ser frio e cego para conviver nesta sociedade capitalista (SENNETT, 2009).

### **Procedimentos Metodológicos**

Especificar a metodologia da pesquisa em processo de realização é o ponto norteador para o desenvolvimento da mesma. Para tanto é importante considerar que cada pesquisa requer uma forma de se pesquisar.

A escolha da forma de pesquisa vai depender da natureza do problema e das questões específicas. Neste caso foi utilizado o estudo de caso, visto que na clínica por si, já demanda a análise de casos. No entanto, para se utilizar o estudo de caso,

é necessário ter consciência de algumas vantagens e limites desse tipo de pesquisa, bem como conhecer algumas qualidades que são atribuídas ao pesquisador.

No que concerne às vantagens percebe-se a riqueza de colocar a teoria a favor da prática, e quanto aos limites, pelo fato da Clínica do Trabalho ser uma técnica relativamente nova, e em alguns momentos faltaram recursos teóricos para a associação e análise dos dados existentes.

O tratamento das informações adotou uma característica qualitativa no qual permitem que se realizem inferências sobre o sujeito pesquisado. Permitem testar de forma precisa as hipóteses levantadas e fornecem dados que podem ser comparados uns com os outros.

### **Descrição do Caso**

O paciente que compõe a prática empírica, experimental desse trabalho é um homem de 50 anos, cujo nome fictício será Renato. Procurou os serviços da clínica de psicologia da Ulbra pois estava sentindo desânimo e tristeza. Relatou em entrevista de triagem que o que estava vivenciando tinha relação com o trabalho.

Renato trabalha em uma empresa de telecomunicação privada que oferece serviços de internet e TV (áreas que se desenvolveram muito nos últimos anos). Está nessa empresa há 32 anos e foi seu primeiro e único emprego até hoje.

O contexto histórico-cultural que o paciente vivenciou ao longo dos anos representa com bastante propriedade a mudança ao longo de 30 anos, da dinâmica de um emprego. As relações interpessoais, a modernização do trabalho, as mudanças na execução do trabalho também são pontuações que merecem destaque nesse fenômeno. Os sub-tópicos da descrição do caso serão pautados nos assuntos que o próprio paciente relatou durante os atendimentos e que, ajudam o leitor a entender a dinâmica subjetiva do caso.

#### **1. Vida familiar**

Renato é o filho caçula, decidiu sair de casa aos 18 anos e entrou no seu primeiro e único emprego até hoje. Casou-se aos 20 anos e teve três filhos nesse primeiro casamento. Separou-se quando seu filho caçula (deste casamento) tinha 1 ano e meio. Alguns anos depois casou-se e teve mais uma filha. Atualmente mora com a esposa, sua filha mais nova de 15 anos e seu filho de 24 anos.

No ambiente familiar, Renato assume o papel de provedor da casa sem deixar faltar nada e administrando financeiramente. No período em que este trabalho foi escrito, Renato apresentava distância afetiva em casa, se relacionando pouco com sua filha, filho e esposa, mantendo o contato mínimo possível, apenas assuntos relacionados ao cotidiano pois, o mesmo sentia-se muito consumido pelo trabalho.

## 2.Trabalho

Como falado anteriormente, Renato trabalha em uma grande empresa de telecomunicação onde exerce a função de vendedor dos serviços da empresa. No início do emprego, tinha a carteira de vendas para empresas privadas mas atualmente só trabalha com instituições do governo. A sua função consiste em fechar licitações com o governo concorrendo com outras empresas, mas também, atende a chamados dos clientes para resolver questões pertinentes a assistência técnica.

Renato sofreu alguns abalos emocionais antes de iniciar a terapia. A última vez, foi com o antigo gerente onde houve uma discussão e seu superior sugeriu com tom de voz alterado falsas acusações de insubordinação. Após essa discussão, Renato ficou muito abatido e recorreu a psicoterapia.

Atualmente, ele é o colaborador com mais tempo de experiência no seu grupo. Apesar do tempo de experiência, o paciente não assume uma posição diferente de seus colegas de trabalho. Tem uma relação horizontal com todos. “Os mais jovens parecem ter a energia requerida pela empresa” (SIC).

Pensa em mudar de emprego. Quando teve sua primeira depressão por conta do trabalho, conversou com seu superior na época para que fizessem um acordo. O paciente continua no emprego, realizando psicoterapia e tomando remédios antidepressivos.

### **Análise do Caso**

O trabalho se desenvolveu em, escutar e compreender a demanda do paciente, estimular a fala e a catarse emocional sobre o que estava causando angústia e desequilíbrio emocional. Nesse primeiro momento o cliente queixava sentir tristeza e desânimo com relação ao trabalho. É importante frisar que apesar de todo o conteúdo subjetivo do paciente, iremos utilizar apenas o contexto objetivo e concreto do paciente, ou seja, o seu trabalho.

Obviamente o trabalho e a subjetividade formam um contexto e uma dinâmica muito mais rica em detalhes e conjunturas, no entanto, este artigo baseia-se no olhar sobre o trabalho e as mudanças significativas que a organização do trabalho influenciam sobre a subjetividade humana. Feito estas ponderações, apontaremos de forma objetiva, os fatores que influenciaram e influenciam o paciente desse estudo a sentir mal-estar no ambiente de trabalho.

O paciente relatou que a mudança na gerência em 2013 abalou sua estrutura emocional. Contrastando com a teoria dejouriana a relação do homem com a carga psíquica do trabalho autoritário que não oferece uma saída apropriada à energia pulsional, conduz a um aumento da carga psíquica. O adoecimento pode acontecer devido a uma “retenção de energia pulsional”, por uma situação de trabalho que impede a descarga psíquica.

Devido a relação com esta gerência, mais novo e com menor tempo de experiência que Renato, demonstrava certa frieza emocional não se colocando para uma relação mais amigável e aberta.

De acordo com Sennett (2009) as redes atuais se caracterizam por laços fracos, o capitalismo a curto prazo que acaba por corroer o caráter, as incertezas das circunstâncias excluem as regras éticas, no qual é preciso ser frio e cego para conviver nesta sociedade capitalista.

A frase que sintetiza esse sentimento foi verbalizado pelo paciente ao dizer que “a corrente arrebenta no elo mais fraco”, sinalizando a si mesmo como o elo mais fraco dessa corrente que podemos interpretar como a empresa, que tem várias divisões e setores.

Esta visão de Renato sobre a corrente sintetiza o modelo atual de trabalho onde as relações são superficiais pela inconstância e incerteza de permanecimento no trabalho. O próprio paciente confirma que a 5 anos atrás ia trabalhar animado, feliz, disposto e atualmente causa certa ojeriza pensar em ir ao trabalho. Não tem uma relação aprofundada com nenhum colega. O único com quem conversa mais, reside em outra cidade.

Sennett (2009) aponta com bastante clareza que a frieza nos relacionamentos se deve a incerteza de continuar em determinado emprego abandonando assim as chances de manter uma postura educada e cordial com os semelhantes.

As metas são parte da organização do trabalho do paciente deste estudo de caso e merecem sua devida atenção pois constitui uma relação com o sujeito pesquisado. O paciente acrescenta que se sente desamparado e por vezes, sente a responsabilidade de fechar as metas como um fardo. O cenário do trabalho em 30 anos traz modificações na forma de conceber as relações de trabalho, nas novas formas de gestão, intensificação do trabalho intelectual, individualismo, cobranças por produtividade, competição e outras transformações organizacionais.

Renato estabelece mensalmente metas a serem cumpridas. Estas metas são, via de regra, contratos de licitação com instituições governamentais. Outrora, no começo deste mesmo emprego, Renato tinha liberdade de escolher entre empresas públicas ou privadas. Estabelecia suas metas e decidia ir pelo caminho mais fácil, que era as empresas privadas. O processo burocrático é menor, o diálogo com o contratante do serviço é mais rápido, a comissão pelo fechamento do contrato era mais rápido, as metas eram facilmente cumpridas. Porém, este cenário mudou em 2013 quando a empresa em que trabalha decidiu delimitar os contratos exclusivamente a instituições do governo. Assim, o colaborador estabelecia as mesmas metas, dessa vez visando os clientes governamentais, contudo o tempo

para fechar os contratos são maiores, e a cobrança pelo trabalho feito é a mesma. Para o paciente, isso é muito estressor e aumenta o nível de insegurança.

Os profissionais vivem hoje sob contínua tensão, não só no ambiente de trabalho mas, acabam vivenciando esta tensão em todas esferas de sua vida, sendo demonstrado neste caso no relacionamento familiar.

Sennett (2009) relata o fracasso como um assunto-tabu dos dias atuais. Muitas são as literaturas motivacionais com fórmulas para o sucesso e nenhuma para lidar com o fracasso. Cenário comum atualmente em meio a condições incertas de trabalho e a constante impossibilidade de fazer uma carreira.

Foram levantadas outras situações que geram estresse no paciente. Uma delas é o recebimento de e-mails, mensagens de watz zap que geralmente são carregados de pedidos com prazos “até amanhã, antes de meio-dia, horário de Brasília” ou “até hoje, 14 horas, horário de Brasília”.

Como dito anteriormente para acompanhar estas transformações o ambiente do trabalho tem se modificado e acompanhado inúmeros avanços das tecnologias, talvez com mais velocidade do que a capacidade de sublimação, tornando-os vulneráveis ao adoecimento mental.

Outro contexto gerador de estresse são as horas extras de trabalho e em atender telefonemas em horário de almoço. Tal dinâmica evidencia um descomprometimento com a própria individualidade. Seligmann-Silva (2011) sugere que o indivíduo abre mão de si mesmo para adotar uma máscara, um personagem que faz de tudo para agradar às exigências impostas. O indivíduo ao atender o telefone fora do serviço ou fazer hora extra se impede de impor limites em si mesmo em prol do trabalho, ou das metas.

Casos como este relatado trazem a crescente necessidade de estudos nesta relação trabalho-capitalismo-adoecimento passível de diversas análises não somente pelo viés da psicologia mas, também do direito, da sociologia, da saúde e de todas as áreas que têm o homem como objeto de estudo.

### Considerações Finais

O trabalho é fundamental à existência humana, ele consegue transformar o ser humano e delinear a sua subjetividade. É um processo consciente aos humanos e que necessariamente traz implícito em seu contexto os mecanismos econômicos e sociais regentes no capitalismo e nas suas relações. (DRUMOND, 2002)

O estudo sobre esse caso específico corrobora com a visão teórica apresentada. Obviamente um estudo ampliado com mais estudos de casos teria uma validade muito maior, mas fica o questionamento para estimular a observação empírica do leitor: quantas pessoas você conhece que se sentem bem no seu ambiente de trabalho, com as regras e dinâmicas pertinentes a cada ambiente?

Neste sentido o campo do trabalho, parece ser terreno propício para ilustrar os desafios que se tem pela frente no tocante a vulnerabilidade, sem privilégios de classe/escolarização, raça/etnia, orientação sexual/identidade de gênero e nacionalidade/filiação religiosa, entre outros.

A vulnerabilidade se constitui através dos valores capitalistas onde o direito de ser a si mesmo estão sendo desprotegidos e violados. É necessário avançar na direção de um desenho societal estruturado, alterar substancialmente esta lógica, onde não exijam os estereótipos capitalistas e terceirização de pensamento.

Cabe a mudança de cenário, mudanças nas formas de gestão, nos contextos intersubjetivos. Tal mudança de uma certa forma, está sendo delineada através da produção de conhecimento, com provocações acadêmicas e quebra de paradigmas capitalistas.

### Referências

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

CATTANI, Antônio David (Org.) **Dicionário crítico sobre o trabalho e tecnologia.** 4ª Ed. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2002.

CODO, Wanderley et al. **O trabalho enlouquece? Um encontro entre a clínica e o trabalho.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DRUMOND, Valéria Abritta Teixeira. **O princípio da integração do trabalhador na empresa no sistema jurídico constitucional brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Direito do trabalho). PUC, Minas Gerais, 2002.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

MARX, Karl. **O Capital** – edição resumida. 7ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1982.

SANTOS, Milton. **Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 15 ed. Rio de Janeiro: RECORD, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Edith Seligmann. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser o dono de si mesmo.** São Paulo: Cortez, 2011.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais no trabalho no novo capitalismo.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2009.